

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v14i33.4149>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



A QUESTÃO DA TÉCNICA SOB A ÓTICA DE MARTIN HEIDEGGER

The Question of Technique from the Perspective of Martin Heidegger

Manuela Saadeh
PPG Filosofia/UFRJ

Resumo: A obra tardia de Heidegger nomeada “*Quatro Seminários de Thor*”, proferida entre 1966 e 1973, se configura como um estudo da história da Filosofia em suas transformações mais fundamentais. Nela, Heidegger começa por mostrar a história da Metafísica sucintamente desde seu princípio até seu ocaso. O foco deste artigo é precisamente o de problematizar a questão de saber como e porque o filósofo ensina que a partir da concepção do pensamento ocidental do Ser enquanto a *entidade do ente* (a presença constante), sentido implicitamente enviado ao longo de dois mil e quinhentos anos de pensamento filosófico, o Ser ele mesmo se tornou finalmente refém dos procedimentos da Técnica Moderna.

Palavras-chave: Fenomenologia, Técnica, Ser, Heidegger.

Abstract Heidegger's late work called “*Thor Seminars*”, given between 1966 and 1973, is configured as a study of the history of Philosophy in its most fundamental transformations. In it, Heidegger begins by showing the history of Metaphysics succinctly from its beginning to its end. The focus of this article is precisely to problematize the question of how and why the philosopher says that from the conception of the Western thought of Being as the *entity of the being* (the constant presence), a sense implicitly sent along two thousand and five hundred years of philosophical thought, Being itself has finally become hostage to the procedures of Modern Technique.

Keywords: Phenomenology, Technique, Being, Heidegger.

1. Introdução

Este artigo pretende investigar resumidamente o aparelho conceitual crítico que Heidegger propõe sobre a história ocidental e como nós, os contemporâneos, chegamos a tornar todo conhecimento refém da técnica moderna. A questão fundamental para o filósofo sempre foi a de pensar fenomenologicamente como o Ser¹ é totalmente interpelado por respeito ao ente, isto é, por respeito ao presente, que só pode ser enquanto histórico. “Aqui a importância da fenomenologia para Heidegger torna-se aparente, pois a fenomenologia forneceu uma maneira de levantar a antiga questão metafísica do Ser sem ignorar as reivindicações da filosofia crítica ou transcendental” (CROWELL, 2001, p. 205). Se a História ocidental enquanto Metafísica se determina como a concepção sempre implícita do Ser enquanto *entidade do ente*, isto é, enquanto esta forma subsistente última

¹ O vocábulo “ser” terá sempre inicial maiúscula quando concernir à forma ontológico-existencial da estrutura, e minúscula quando concernir tanto às ocorrências ônticas do verbo ser quanto à ocorrência ontológico-existencial da estrutura *Dasein* no seu desdobramento fático. Isto deve servir para indicar e marcar sempre mais acuradamente a *diferença ontológica*, o que Heidegger continuamente tenta fazer ver.

para o Todo do ente como pano de fundo para todas as concepções históricas fundamentais acerca do Ser – ἰδέα (*ideia*), οὐσία (*ousia*), *essentia-substantia*, sujeito, consciência absoluta, vontade –, isto se dá porque sempre o pensamento ontológico já esteve se perguntando pelo Ser enquanto *fundamento formal* do ente: a entidade do ente; e isto desde os gregos. “A compreensão grega do Ser está estritamente vinculada à ideia de presença constante (que havia impedido a tematização explícita da inteira extensão temporal do Ser)” (VOLPI, 2012, p. 181).

Heidegger então mostra que a configuração moderna deste fundamento formal do ente no Todo (a presença constante, ou a entidade do ente, como metafisicamente se pensou o Ser), a entidade do ente enquanto o Sujeito, surgiu da necessidade que o pensamento cartesiano impôs à filosofia no sentido de transformar a verdade em certeza intentando lograr um fundamento indubitável, indiscutível; o que fundamentalmente se diferencia da questão imposta pelo pensamento antigo. Embora o pensamento grego já tivesse a questão da obtenção de um fundamento, era néscio tentar pedir provas, por exemplo, de se a φύσις (*physis*) existe ou não existe, pois seria como perguntar se o sol existe ou não. Tal prova passou a ser requerida porque o pensamento passou a exigir², na Modernidade, através da verdade enquanto certeza, o controle do verdadeiro.

Descartes com sua dúvida, logrou este fundamento certo e indubitável com muita propriedade ao dizer: se posso estar dormindo, em sonhos, dentro de um contexto que não existe, por que não posso dizer que agora estou dentro de um contexto (φύσις) que não existe? Mesmo que você me espete, eu digo que posso estar sonhando que estou sendo espetada, porque posso sonhar tudo. Ele também poderia estar sonhando que está pensando; contudo sonhando ou não, *sou eu* que estou sonhando/pensando. O eu, o sujeito, se torna quase que imediatamente o fundamento, o que põe o Ser. Com isso Descartes encontrou um lugar para a certeza no Sujeito que aparece e se oferece como fundamento da certeza e de todo o real, não sendo ele, a *res cogitans*, o mesmo que o mundo externo, a *res extensa*. Assim, tal Filosofia entendeu a possibilidade do *a priori* no sentido de ser o incondicional, porque ele mesmo detentor da possibilidade de conceber e pôr o Todo do ente. Na Antiguidade, o *a priori* tem o sentido de ser o ponto de partida apenas; o εἰδός aristotélico é o *a priori*, mas ele não se oferece como incondicional. Para os gregos, ao contrário, esse experimento do ente na sua fenomenalidade direta é totalmente concreto.

De certa forma, isto esclarece algo: para os gregos as coisas aparecem, para os modernos elas *me* aparecem. Entre Aristóteles e Kant ocorreu que o ente se tornou o objeto. Heidegger ensina que esse termo “objeto” para os entes da lida não existia para o grego, uma vez que o pensamento antigo não tinha o ente contraposto no sentido de objeto porque não tinha a consciência subjetiva mirando o ente e colocando-o dentro desta fôrma. Mas na Modernidade, a verdade se auto fundamenta a partir da autocerteza do Sujeito, do *eu penso*: o primeiro fundamento firme da verdade, a certeza e o Todo se torna objeto para este Sujeito. Como então surgiu propriamente a necessidade desta fôrma para o Ser, a fôrma consciência subjetiva?

2. A História da questão do Ser na contemporaneidade

Dissemos que desde Descartes a questão da verdade se configura como certeza a partir da necessidade da prova. A questão do *a priori* se desloca para o âmbito da consciência que representa o real, e a absolutização do cogito cartesiano se dá no saber absoluto. Isso ocorreu, segundo Heidegger, porque para a verdade que foi anteriormente (no Medievo) pensada como a *veritas* (adequação enunciado e coisa), se colocou a necessidade de que ela pudesse sofrer um exame ela própria, para se auto fundamentar. E para encontrar essa possibilidade de autofundamentação, Descartes (o primeiro a realizar essa necessidade) colocou o procedimento do método como fonte de

² A condição de possibilidade de uma tal exigência se manifesta propriamente enquanto a História da Metafísica desde Platão.

autofundamentação da verdade. E qual foi a motivação disso? Para Heidegger a motivação é a necessidade de estabelecer o asseguramento do Todo do ente através da certeza enquanto a possibilidade de antecipação do conhecimento dos fenômenos da Natureza. Se pudermos antecipar os efeitos de um fenômeno, temos como nos assegurar desse fenômeno, dominá-lo. A certeza do conhecimento para o Sujeito é propriamente a motivação do projeto do saber enquanto técnica moderna. Nestes termos, a Ciência Moderna nasce como um procedimento empírico de um projeto de saber que é o projeto de asseguramento da Natureza em termos matematicamente indiscutíveis e rigorosos. E o saber matemático é, para Heidegger, em um sentido mais originário do que o sentido empírico da matemática ou de fazer conta³. O essencial do saber matemático, para o pensador, é o *poder contar com* a partir da certeza: a essência do pensamento enquanto calculador. Pelo saber matemático: “com certeza eu sei o que vai acontecer”. O fundamental a ser compreendido com esse sistema de conhecimento é a tentativa recorrente de asseguramento da certeza da minha expectativa enquanto Sujeito incondicional de vontade, representativo de todo o real, é, portanto, a instauração de um saber *a priori*, ou seja: tenho que ter a possibilidade da experiência prevista *a priori*, pré-configurada *a priori*. Para Heidegger, isso é um fenômeno absolutamente moderno.

Esse *poder contar com* a certeza do que vai acontecer na experiência se tornou a grande conquista do pensamento na Modernidade, que posteriormente se impôs então enquanto saber absoluto. Saber rigoroso é isso, cálculo, saber lógico-racional; os outros saberes não são conhecimento em sentido rigoroso. O absolutismo da consciência representativa de todo o real coloca o Sujeito cartesiano, tanto do pensamento filosófico, quanto científico, religioso e pré-filosófico, como o Senhor do Todo. Tudo passa a ter que servi-lo: o conhecimento, o outro *Dasein*, a Natureza, as coisas. Esta iluminação pré-ontológica, isto é, implícita do Mundo de sentido em que somos sempre já lançados enquanto ocidentais quer dizer: a implícita e cotidiana clareza de sentido, a implícita e cotidiana clareza de compreensão na qual sempre já emergimos enquanto *Dasein*. E, segundo Heidegger, o que funda esta estrutura do pensamento, é a exigência que o pensamento em Descartes propôs como tarefa à Filosofia apresentando o *Eu-penso* como o fundamento da verdade como um todo. Uma vez que o caráter próprio desse saber fundamentador se delineou enquanto saber lógico-matemático, esse saber se constituiu enquanto a própria forma da Técnica Moderna proceder sobre o ente. A Técnica Moderna é, portanto, o saber que se configura enquanto capacidade de antecipar a experiência com o ente e planejar os resultados dela em vista de recurso e reserva [*Beständlichkeit*] e, com isso, a capacidade de planificar e organizar o ente assim conhecido. Para Heidegger o *Eu-penso*, o Sujeito moderno, no qual a verdade se fundamenta enquanto certeza é a ponte para a passagem da configuração do Ser (entidade), isto é, da verdade, em pensamento lógico racional em vista dos desígnios da Técnica para reserva e recurso.

Mas o Todo do ente nem sempre foi requerido pela técnica enquanto reserva e recurso para o Sujeito. Na primeira fase da questão ontológica, no pensamento grego, o que ocorria era a superabundância do ente em sua presença, a sobre-medida da presença; isto é, a presença do presente era o motivo do maravilhar-se, do espanto.

É a *superabundância*, a *sobremedida* do presente. Pensemos aqui a anedota sobre Tales: ele é esse homem fascinado pela superabundância estelar, que lhe força a levar o olhar unicamente para o Céu. No clima Grego (Hölderlin, segunda carta a Böhlendorf) o homem está submergido pela presença do presente, a qual o constrange à questão do presente *enquanto* presente. O reporto a esse afluxo da presença, os Gregos o nomeiam *Thaumázein* [maravilhar-se] (Cf. *Teeteto*, 155d) (HEIDEGGER, 2003, p. 38).

A Filosofia surgia exatamente deste constrangimento do presente. O pensamento grego não se reportava para o ente da Natureza e para todo ente na fôrma prévia e pré-

³ Cf. HEIDEGGER, Martin. *O que é uma Coisa? Doutrina de Kant dos Princípios Transcendentes*. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992.

ontológica da tecno-ciência; e isso não por alguma insuficiência de conhecimento, mas justamente porque o povo grego e todo povo fora do pensamento moderno ocidental estava (ou está) reportado sem isto que Heidegger nomeia de “armação” (a tal *mediação* [*das Gestell*]). No texto *A Questão da Técnica* [*Die Frage nach der Technik*]⁴, o filósofo ensina que a armação é uma perspectiva-prévia permanente, implícita e inquestionada para o sentido do Ser desde a qual todo conhecimento e compreensão ocidentais se fundam e se confirmam enquanto pensamento calculativo, enquanto pensamento estritamente lógico-racional projetado para o Todo. Como é isso? Podemos exemplificar isto questionando como a Natureza é pensada segundo este nosso Mundo de sentido. Ela é tomada implicitamente na lida a partir da perspectiva do recurso natural. Para Heidegger, desde a Modernidade, toda a Natureza é (implícita e inquestionavelmente) percebida no interior desta armação enquanto recurso natural para o Homem. A absolutamente visível desconformidade entre o existir humano e Natureza no Mundo de sentido contemporâneo, se dá talvez porque há, na Natureza historicamente perspectivada enquanto mero recurso (de consumo: extração, lazer ou contemplação), um desequilíbrio entre as possibilidades próprias da Natureza e as do existir humano. A *tecnização* do rio é apenas dominação. Há um rio. Como a lida compreensiva se reporta a este “há”, esta é a questão própria do Ser para Heidegger. Ao questionar como está este há, o filósofo se deparou com o problema de pensar historicamente o Ser, culminando nesta perspectiva da técnica, e se deparou com a questão de saber como e porque o ente na totalidade passou a ser requerido a partir desta perspectiva.

No seminário *Serenidade*⁵, Heidegger fala da potência fechada da técnica: a armação [*das Gestell*], a qual significa a requisição prévia que o Ser faz ao existir humano de desafiar a Natureza em termos de mera reserva.

No *Gestell*, o homem é posto na situação de corresponder à exploração-consumo; reportação ao Ser nessa reportação. O homem não tem a Técnica na mão. Ele é o joguete dela. Nessa situação reina o mais completo *esquecimento do Ser*, a mais completa ocultação do Ser. A cibernética se torna o substituto da Filosofia e da Poesia. [...] Nesse sentido, o homem moderno é o escravo do esquecimento do Ser (HEIDEGGER, 2003, p. 61).

Na *Gestell*, no interior desta armação lógico-racional única para a compreensão do Ser e todo conhecimento, a Natureza é, historicamente, concebida em termos de objeto da Ciência em seus sistemas causais sempre já conhecidos. Mas para Heidegger, “serenidade” é precisamente estar postado aberto para o desconhecido, para o oculto que se apresenta nesta Terra “dominada” pelo Mundo de sentido da tecno-ciência. E esse oculto, o que é? É a própria compreensão da reivindicação histórica do Ser que requisita o pensamento e todo conhecimento unicamente a partir da armação da tecno-ciência enquanto a última verdade do ente, a verdade considerada a mais rigorosa acerca do Todo, acerca de tudo o que é. Heidegger afirma que não é sem sentido essa forma de reportação técnica ao Todo, uma vez que se a História (a destinação do sentido do Ser) se desdobrou nessa configuração, é porque justamente tal configuração tem um sentido de ser. Mas isto quer dizer apenas que há um sentido, ou seja, que há um fundamento e um direcionamento. O direcionamento é o sentido da dominação e da organização das massas que se deu historicamente; e o fundamento é o próprio projeto moderno de exploração do Todo (Natureza, Homem, coisas) enquanto recurso para reserva – tudo isso, segundo o filósofo, pôde ser a partir da verdade ter sido requerida (modernamente) enquanto certeza unicamente a partir do pensamento calculativo.

Para Heidegger toda Ciência Moderna já é uma produção da técnica, pois a técnica na sua essência configura um propósito de abordagem específico da Natureza. Antes, a

⁴ (Cf. HEIDEGGER, Martin. *Vorträge und Aufsätze*. GA Band 7. Vittorio Klostermann GmbH, Frankfurt am Main, 2000a, p.1-36).

⁵ (Cf. HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Tradução: Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000).

subsistência do Ser, a entidade do ente, era pensada para o conhecimento enquanto conhecimento; algo é permanente, subsistente, aí disponível para a abordagem investigativa – e foi assim desde Platão. Agora algo é permanente não mais no sentido de busca de verdade e de conhecimento pelo próprio conhecimento, mas no sentido simplesmente de que algo tem que estar sempre aí disponível para o recurso – e descartável de preferência.

Ora um dos momentos essenciais desse modo contemporâneo do Ser do ente (a disponibilidade para um consumo planejado) é a *substituibilidade*, o fato que cada ente se torna essencialmente *substituível*, em um jogo generalizado onde tudo pode tomar o lugar de tudo. Isso é o que manifesta empiricamente a indústria de produtos de "consumo" e o reino do descartável. Ser, hoje, é ser-substituível. A ideia mesmo de conserto se tornou uma ideia "anti-econômica". A todo ente de consumo é essencial que ele seja já consumido e chamado, assim, à sua substituição. Nós temos aí uma das faces do desaparecimento do tradicional, disso que se transmite de geração em geração (HEIDEGGER, 2003, p. 62).

Isso ocorre de tal modo que a própria ideia de subsistência para o sentido do Ser mudou: o que deveria ser sempre o mesmo para a investigação, agora deverá ser sempre o substituível. A questão não é mais a de propriamente conhecer. O conhecimento na contemporaneidade é, para Heidegger, fundamentalmente conhecimento para ordenação e planificação, isto é, de trato tanto com o ente que não tem a forma do Ser do *Dasein* quanto com o outro *Dasein* enquanto recurso e reserva. O Ser do ente ele mesmo, não é mais questão.

Não mais a constancialidade [*Beständigkeit*], mas a requisitabilidade [*Bestellbarkeit*], isto é, a possibilidade de a Natureza e o Todo do ente serem comandados, de estarem permanentemente à disposição *enquanto objeto* para uso, consumo, recurso e reserva. Heidegger mostra que na *requisitabilidade* (fundada na armação [*Gestell*]) o ente é perspectivado implícita e integralmente como algo disponível para consumo. O Todo se tornou (o sentido de) puro consumo para o Homem da tecno-ciência uma vez que o existir humano enquanto o Sujeito incondicional índice de determinação de todo o real, foi colocado como a lei, o diretor do saber, o fundamento inquestionável, e o Ser requereu a existência nessa perspectiva. O ente na totalidade se torna assim o *substituível*, porquanto perspectivado em seu Ser, seja o mero objeto de consumo. Isso quer dizer que, aos poucos, o existir humano vai perdendo cada vez mais a compreensão própria por respeito ao ente, uma vez que, quanto mais substituível o todo do ente se torna, tanto mais se perde seu ser-histórico, sua tradição.

Para Heidegger, conhecer a Natureza não é mais interesse da técnica, seu interesse é somente o de compreender os meios de uma planificação do (ente) sabido para dominação, exploração, ordenação e manipulação dele enquanto recurso; fundamentalmente o recurso principal, o ser humano: os "recursos humanos", onde também somos perspectivados enquanto recurso e reserva, isto é, recurso absolutamente substituível e, portanto, impessoal de relação comercial. Com o predomínio do projeto do Saber da técnica enquanto pano de fundo para todo conhecimento, a Natureza é apenas recurso em vista do desenvolvimento econômico absolutamente incondicional. No interior dessa transformação da verdade, do Ser, do que é, a Natureza é um sistema causal de produção de fenômenos que devem ser total e impessoalmente mapeados para serem assegurados. Quando esses fenômenos já estão todos mapeados nas suas possibilidades, o rio não é mais rio e sim usina de energia, o solo é apenas zona de mineração, a floresta é área de recurso de madeira, de indústria farmacêutica, agropecuária, e o verde se torna espaço verde no sentido de lugar de turismo, de recreação, turismo e etc. A Amazônia é fonte para servir à indústria de medicação, de madeira, alimento; o solo é somente perspectivado enquanto o que dá ouro, níbio, petróleo, e etc. Conhecimento, verdade, Ser, agora é a questão de saber como podemos explorar, retirar e reservar para acumular. Isto se tornou, para Heidegger, um princípio normativo implícito, que só pode ser através do

método do saber rigoroso enquanto o saber matemático, isto é, enquanto antecipação e asseguramento da Natureza e do existir humano como recurso e reserva.

A armação, como o propulsor pré-ontológico do pensamento na era da Técnica Moderna, Heidegger ensina, pode ser pensada como o indicador do que o filósofo nomeia de Acontecimento [*das Ereignis*], na medida em que ela revela o modo extremo de consumação da Metafísica, enquanto o último momento da produção significativa ocidental. Como para Heidegger este (a Técnico-Ciência Moderna) é o fim da Metafísica, a armação se mostra, portanto, também como uma passagem para pensar um outro princípio. A armação, enquanto a prévia pré-otológica forma do pensamento enquanto calculador para o Todo está, portanto, entre um princípio que começa a se esgotar e um outro princípio que ainda está apenas se indicando. Ela nos mostra um homem inteiramente produzível, o homem de formatação técnica em vista do puro recurso e, com isso, ela aponta também para a perda da própria essência do existir humano. Ou seja, por um lado a armação oferece um novo existir, isto é, uma relação inteiramente nova com a Natureza que é a reportação de feitiço puramente técnico e, simultaneamente, com isso, ela aponta para a questão de saber se com essa reportação, o existir ocidental está ou não caminhando para o seu ocaso porque fora da sua própria essência. A armação é uma reivindicação do Ser e do pensar completamente contrária à presença do Ser enquanto questão ele próprio. Mas até a contemporaneidade e a Técnica Moderna, não se tinha historicamente a indicação deste limite.

A necessidade do pensamento, imposta por tal limite, de questionar o Ser permitiu Heidegger a problematizar o Ser não mais como a entidade do ente (ἰδέα, οὐσία, *substantia*, sujeito, consciência absoluta, vontade), fazendo com que o próprio Heidegger perdesse a questão da diferença ontológica no sentido da diferença metafísica. Pois, “o sentido que esta abordagem histórica para a questão do Ser revela, como sabemos desde *Sein und Zeit*, se torna o tempo” (BROGAN, 2005, p. 7). Na obra *Ser e Tempo*, o Ser continua a guardar a sua significação essencial enquanto temporal (intramundano, portanto, finito e não mais universal e atemporal como quer a Metafísica), todavia não fala mais como linguagem enquanto linguagem metafísica da representação. E não fala mais como tal linguagem porque na contemporaneidade, a linguagem se transformou em linguagem técnica, isto é, a linguagem do Ser, historicamente metafísica enquanto a busca da entidade do ente (a busca da infinitude, universalidade e atemporalidade para o sentido do Ser), mesmo essa busca metafísica pelo Ser deixou de ser tal e passou a se configurar nos termos de linguagem de busca de informação. Até o advento da Técnica Moderna, mesmo metafisicamente, o Ser enquanto entidade era a questão. E por que o Ser perde essa capacidade de falar como linguagem? Porque o ente perdeu a sua configuração até mesmo enquanto objeto do conhecimento pelo próprio conhecimento passando a ser somente objeto de recurso e reserva.

Para Heidegger, a história do Ser aparece desde as épocas do Ser que ocorreram quando o Ser enquanto entidade apareceu em suas múltiplas significações históricas. Por isso o filósofo sempre evidencia a extrema necessidade de um retorno aos gregos – para pensar por qual motivo o pensamento grego não pensou o Ser enquanto Ser ele mesmo, enviando implicitamente o sentido do Ser enquanto entidade – uma forma metafísica permanente para o Todo – o tão revisitado “passo de volta” heideggeriano.

Assim, permite-se dizer que a história do Ser é a história do crescente esquecimento do Ser. Entre as transformações epocais do Ser e a recusa, deixa ver-se uma proporção, mas não uma proporção de causalidade. Permite-se dizer que, quanto mais se afasta da aurora do pensamento ocidental, da *alethéia*, quanto mais prospera o esquecimento desta, mais claramente emerge o saber, a consciência, e, assim, mais se recusa o Ser. Além disso, essa recusa do Ser permanece oculta. No *Kryptesthai* de Heráclito é exprimido pela primeira e última vez o que seja a recusa. O recuar da *alethéia* enquanto *alethéia* libera a transformação do Ser da *énérgεια* para a *actualitas*, etc (HEIDEGGER, 1976, p. 36).

A destinação final da Metafísica nos séculos XIX e XX foi a do Ser enquanto objetividade. E quanto mais a técnica moderna se desdobra, tanto mais a *objetividade* do objeto, que significava o conhecimento por ele mesmo, se transforma em conhecimento para a pura reserva, significando somente a pretensão de acúmulo e plena disponibilidade. Para Heidegger toda Ciência Moderna já é uma produção da técnica, porque a técnica na sua essência configura um propósito de abordagem pré-temático específico da Natureza. Antes, a subsistência do Ser, a entidade do ente, era pensada para o conhecimento enquanto conhecimento; algo é permanente, subsistente, aí disponível para a abordagem investigativa – e foi assim desde Platão. Agora algo é permanente não mais no sentido de qualquer busca ou produção de verdade, de conhecimento, mas no sentido simplesmente de algo tem que estar sempre aí disponível, e descartável de preferência.

Mesmo no fenômeno da *moda*, o essencial não é o *adorno* (a moda se tornou, assim, enquanto adorno tão anacrônica quanto o concerto), mas a substituibilidade dos modelos de estação em estação. A roupa não é mais trocada quando e porque se tornou defeituosa, mas porque ela tem o caráter essencial de ser "a veste do momento à espera da seguinte" (HEIDEGGER, 2003, p. 60s).

Isso ocorre de tal modo que a própria ideia de subsistência mudou: o que deveria ser sempre o mesmo para a investigação, agora deverá ser sempre o substituível; é ainda o mesmo, mas o mesmo enquanto o que permanece sempre já como substituível, o que constituiria o chamado "progresso". Até o começo do século XX, esse *mesmo* era em vista do conhecimento, em vista do Ser enquanto ideia, pensamento; mas a questão não é mais a de conhecer, uma vez que parece que o que foi fornecido durante dois milênios de ideia já basta. E por isso as investigações científicas não descobrem, elas não têm mais o ente para conhecer: elas já têm todos os pressupostos para repetir em cada pesquisa. Deste modo, a Ciência da técnica compila características que ela já tem como estrutura de conhecimento e o que escapa a isso permanece fora de questão, porque não sabemos mais fazer o conhecimento do Ser de algo. A Filosofia, a Metafísica, se torna algo quase inútil, desnecessário.

O conhecimento agora é pura e simplesmente conhecimento de ordenação e planificação, isto é, de trato com ente enquanto recurso e reserva. O Ser do ente não é mais questão, nem mesmo enquanto entidade.

Tudo (o ente no todo) toma lugar de imediato no horizonte da utilidade, do comando, ou melhor, do *patrocínio* disso do qual é preciso se assenhorar. A floresta cessa de ser objeto (o que ela era para o homem científico dos séculos XVIII e XI) e se torna para o homem, enfim desmascarado enquanto técnico, isto é, o homem que visa o ente *a priori* no horizonte da utilização, o "espaço verde". Nada mais pode aparecer na neutralidade objetiva de um face a face. Não há mais nada que reserva (HEIDEGGER, 2003, p. 60).

A Natureza que experimentamos é o espaço verde para o meu consumo ou lazer e/ou reserva, de modo que mesmo a questão do *em si* cunhada no pensamento moderno não compete mais. Não mais a constancialidade, mas a requisitabilidade, a possibilidade de a Natureza ser comandada, de estar permanentemente enquanto objeto à disposição para uso do Sujeito incondicionado e, por conseguinte, condicionante do Todo com sua representação. E esta *requisitabilidade* enquanto armação para o pensamento no final da Metafísica, tem sua raiz há dois mil anos no pensamento grego; contudo tal requisitabilidade não era vista meramente em vista do consumo. A ideia da superabundância da presença era o problema. O Ser foi pensado como presença na disponibilidade do Todo desde o pensamento grego, mas não havia o *eu* (o homem enquanto Sujeito de conhecimento) como diretor; contudo, podemos pensar que este acaba sendo uma consequência possível daquele.

A disponibilidade do ente para o consumo planejado é uma outra forma de demanda da disponibilidade do ente, portanto: a *subsistibilidade*. O Ser do ente na

contemporaneidade é o *ser substituível*, é ser objeto de consumo. Isso quer dizer que, aos poucos, o homem vai perdendo cada vez mais a compreensão do ente, porque não há mais o aprendizado próprio do ente: o aprendizado que está sendo empregado é no sentido de produção, de produzir consumo. O ente cada vez mais é menos inquirido no seu Ser, até porque como ele é descartável não há motivos para conhecer seu Ser – seu Ser é apenas o substituível.

A ideia de presença na perspectiva da Metafísica, da armação, dá esse caráter de atualidade, pois a renovação tem que estar atual. O existir se reporta ao Ser nessa forma de reportação. E, para Heidegger, assim a questão do Ser enquanto Ser se dá ao esquecimento, completamente. Mas o Ser também tem seus limites, porque se o Ser destrói o existir ao “se” ocultar, também fica sem abertura de possibilidade de manifestação. Que o Ser, portanto, não possa ser *absolutizado* a partir de si: eis a antítese a mais aguda por respeito a Hegel, pois o Ser para Hegel é absolutização a partir de si próprio, no interior da consciência. “Ele [Hegel] não o diz senão em eco ao cristão ‘Deus tem necessidade dos homens’”. Para o Pensamento de Heidegger, ao contrário, o Ser não é sem o seu reporto ao *Dasein*. Nada mais distante de Hegel e de todo o Idealismo” (HEIDEGGER, 2003, p. 61). O Ser não é algo antes que se reporta ao *Dasein*, como o Deus da Metafísica. “Mais original que o homem é a finitude do *Dasein* nele” (HEIDEGGER, 2019, p. 285).

Há então uma saída? Para Heidegger, a possibilidade de um “furo” que possamos fazer no interior deste contexto estrutural de nosso Mundo de sentido está no saber da poesia e na Arte, isto é, o furo está em preparar o solo para uma outra perspectivação da totalidade do ente, e esse será posteriormente o tema primário de sua filosofia. Para o filósofo, a poesia de Hölderlin é, por exemplo, uma das fontes de corroboração de possibilitação dessa confrontação com o pensamento metafísico instituído, isto é, com o saber instituído no Ocidente eminentemente “a partir” da Modernidade. Pois mesmo o belo não é mais uma questão poética, ou sagrada, é apenas mais um recurso para comprazer o *animal racional*, para o seu deleite. O belo, entre os gregos, era uma questão do Ser, mas não o é mais. Como a Arte é produzida na medida da compreensão de uma época, de um Mundo histórico de sentido, ela é assim produzida com a medida da compreensão atual. A Arte, o Belo, não é mais produto de angústia estrutural e originária, uma vez que não há mais qualquer enfrentamento de angústia e com isso a Arte se tornou como que uma fantasia egóica do talento subjetivo, surgida da destreza do *eu*: este como gênio, criador e não como aquele que *se insere* na ancestralidade. Onde não está a angústia do Ser (enquanto Maquinação [*die Mächenchaft*] neste momento histórico) não se faz História, pois a Maquinação (a armação enquanto pensamento técnico-científico) deve ser elucidada como o que arranja e assegura pré-ontologicamente tudo o que é, todo Ser e todo conhecimento, de modo que sem a angústia da sua percepção e sem esta reflexão, os feitos humanos não poderiam fazer História. E porque não podem fazer História, os feitos são todos instantâneos, elidíveis, tudo vai surgindo e se apagando na mesma velocidade. “Tudo envelhece muito rápido”, eis o velho ditado comum; mas se tudo envelhece tão rápido assim talvez seja porque o fazer meramente técnico-utilitário em vista do recurso está sem raiz e “onde esse culto à ‘personalidade’ é estabelecido e, de maneira correspondente, onde é estabelecido na Arte o ‘gênio’, tudo se movimenta na via do pensamento do ‘eu’ e da consciência moderna. Quer se compreenda a pessoalidade como a unidade ‘espírito-alma-corpo’, quer se inverta esta mistura” (HEIDEGGER, 2014, p. 55).

A Arte no seu sentido originário tinha o papel de instalar Mundo de sentido, que nada mais é do que instalação própria do saber. E como a Arte instalava Mundo no seu desenvolvimento originário genuíno? Ela instalava Mundo trazendo o ente à presença e indicando neste seu “vir à presença” a contenda entre Mundo, significação (aberto), e Terra (fechada); o abismo do Ser, isto é, a contenda entre Natureza e compreensão, pois a posição da Terra é a de se manter resguardada e a posição do Mundo (compreensão) é de se manter inquirindo, na busca de abrir o reservar-se da Terra. “Somente se tivermos determinado nossa essência com vistas a esses abismos entre o homem e o seer e entre o seer e os deuses, somente então os ‘pressupostos’ começarão uma vez mais a serem efetivamente realizados para uma ‘história’” (HEIDEGGER, 2014, p. 30). É uma contenda infinita que não

se esgota jamais entre saber e Natureza; a Natureza se mantendo *presente* enquanto se *oculta*, e o Mundo se trazendo à presença como aquele que abre a Natureza, aquele que revela a Terra. O pensamento (Mundo) revela a Terra, que só pode vir à revelação já se mostrando sempre fechada. A Terra vem à revelação já sempre se mostrando fechada porque o Mundo, a compreensão humana, revela sem nunca conseguir abarcar o Todo; o saber pode representar a essência de várias formas, mas nunca, por mais que tenha tentado, conseguiu dar essa essência por universal e última. De modo que é no que sempre escapou e escapa ao saber metafísico que a Terra continua aparecendo em seu recato. Por isso, ensina Heidegger, a contenda é inescotável⁶.

E se a Arte no seu sentido mais originário tem o sentido de erigir este Mundo da contenda, instalar sentido, então ela é um trazer o ente à presença nessa contenda. E o que é o ente aparecendo nessa contenda? É o ente aparecendo no extraordinário, fora da percepção cotidiana dele enquanto mero concreto subsistente aí. Heidegger nos ensina que os sapatos no quadro de Van Gogh não aparecem como um mero utensílio de calçar, mas aparecem enquanto isto que dá a ver a indicação do Mundo de sentido daquele que o calça – e é assim que a obra traz o sapato na contenda de Terra e Mundo. Porque sempre é um abrir e um fechar, sempre é o desocultar do ocultamento. Ao trazer o sapato neste εἶδος (*eidos*), a Arte abre o Mundo do sapato já sempre fechado; pois o Mundo aparece sem esgotar a natureza do ente, proveniente da Terra.

3. Considerações Finais

Dito isso, podemos sucintamente concluir que o papel da Arte e da poesia – que faz frente ao expediente meramente utilitário, instrumental, mecânico e, portanto, técnico do pensamento – que nos possibilita ver o extraordinário enquanto a abertura (a compreensão) que retira a percepção da monotonia opaca do todo do ente enquanto mero concreto subsistente, se perde dentro dessa exigência gigantesca⁷ da técnica, o que se configura como a exclusão última que a Arte sofre a partir do último momento ocidental dessa contenda de Terra e Mundo, no qual a Arte passa a ser mais uma linguagem de informação no interior da cultura. A Arte passa a ter a função de recobrir as instalações que o pensamento enquanto técnico aloja sobre a Natureza e sobre o Homem, e apresenta essas instalações como naturais. É o golpe final da Metafísica. Pois agora o artificial é o natural. E isso tem um efeito avassalador na sonoridade, na imagem e no discurso. O discurso da informação se torna a forma do discurso natural, o discurso eminente. A pura imagem se faz passar pelo essencial da Natureza, e a sonoridade se torna nossos deslumbramentos pelos efeitos da técnica. A Arte vem sendo assim sequestrada pela armação [*Gestell*]. Apesar de τέχνη (*téchne*) ter o mesmo sentido de Arte para os gregos, o sentido do fazer humano no fim da Metafísica colocou essas duas formas do fazer (τέχνη e técnica) em direções opostas. E esse último fazer (saber) é normativo, isto é, não é uma escolha subjetiva de cada um, uma vez que se transforma em uma apresentação do Ser, do Todo que é, isto é, a apresentação sempre já aí estabelecida de sentido do Todo que *vem sendo*. Se o Ser é isso eu, enquanto já sempre lançada neste Mundo de sentido, não posso me orientar por nada outro do que o “o que é” dado prévia e pré-tematicamente de significação sobre a totalidade.

Para “furar” este estabelecido, Heidegger então insiste em um *recordar*. Por que ele insiste tanto? Porque é o meio que esta filosofia tem de colocar a compreensão de novo no exercício do pensar fora da fôrma calculadora do pensamento lógico-racional atualmente detentor da verdade do Ser. Tudo isso é histórico, de modo que se o é, então é finito, pois tudo isso está em movimento, em transformação – a verdade, o Ser, é, portanto,

⁶ (Cf. HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*. Tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 1990).

⁷ “O gigantesco se enraíza num recurso à representação subjetiva com vistas ao todo do ente. [...] No gigantesco se mostra a do ‘*subjectum*’ certo de si mesmo, que constrói tudo com vistas ao representar e ao produzir.” (HEIDEGGER, 2014, p. 425).

nunca universal e eterna, mas finita. Por mais que tenhamos a pretensão de asseguramento quanto à verdade estabelecida ser eterna, ela nunca será definitiva devido a sua própria estrutura enquanto verdade do Ser, sempre já histórico-circunscrita, sempre já finita. Isso “já se distingue essencialmente de todo e qualquer tipo de asseguramento da certeza do ‘si mesmo’ do ‘eu’ justamente em virtude da ‘certeza’” (HEIDEGGER, 2014, p. 50). A questão é a de saber se podemos nos posicionar no interior desde Mundo de sentido no qual já somos sempre lançados com alguma lucidez sobre este mesmo Mundo, ou se simplesmente corroboramos sem alguma possibilidade de liberdade. Ao que parece, para Heidegger, se pudermos pensar a essência tanto da Técnica Moderna quanto da Arte, poderemos fazer escolhas dentro desse contexto para talvez existir com alguma liberdade.

Referências

BROGAN, Walter A. *Heidegger and Aristotle*. New York: State University of New York Press, 2005.

CROWELL, S. G. Husserl, *Heidegger and Space of Meaning: Paths Toward Transcendental Phenomenology*. Illinois, USA: Northwestern University Press, 2001.

HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*. Tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. *Contribuições à Filosofia: do Acontecimento Apropriativo*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Via Verita, 2014.

_____. *Kant e o Problema da Metafísica*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Via Verita, 2019.

_____. *Que é uma Coisa? Doutrina de Kant dos Princípios Transcedentais*. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. *Sein und Zeit*. 17a Aufl. Tübingen. GA Band 2. Max Niemeyer Verlag GmbH e Co. 2006.

_____. *Serenidade*. Tradução: Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

_____. *Thor Seminars*. Translated by: Andrew Mitchell and François Raffoul. USA: Indiana University Press, 2003.

_____. *Vorträge und Aufsätze*. GA Band 7. Vittorio Klostermann GmbH, Frankfurt am Main, 2000a.

_____. *Zeit und Sein*. In “Zur Sache des Denkens” - 2., unveränd. Aufl. - Tübingen: Niemeyer, 1976.

VOLPI, F. *Heidegger y Aristóteles*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2012.

Doutora em Filosofia (UFRJ, 2019)
Pós-doutoranda PPG Filosofia (UFRJ)
E-mail: santosmanuela0@gmail.com